

Uma obra que tenta a análise de um sistema, com a apresentação das insuficiências e aspectos negativos que dêle derivam, não seria completa sem oferecer soluções. E justamente o mérito de Miriam Moreira Leite é o de apresentar algo de construtivo através de suas sugestões didáticas (cap. 6 das 1a. e 2a. partes) o que torna êste trabalho de real utilidade para os que se interessam pela História e se dedicam ao seu ensino.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ

* *
*

MERCADANTE (Paulo). — *A consciência conservadora no Brasil*. Editôra Saga, Guanabara, 1965. 264 páginas.

Numa síntese do progresso histórico brasileiro, com a conseqüente análise das mutações nele ocorridas, o autor, em 15 capítulos bem estruturados, procura evidenciar os matizes da mentalidade conservadora brasileira.

O que haveria de distingui-la constantemente, em face da européia seriam as suas singulares feições conciliatórias. Desde o período de formação nacional, tudo a teria levado a uma ideologia de mediação.

Em função dessa idéia, já na Introdução, em que, historiando rapidamente o movimento político brasileiro, chega aos mais recentes acontecimentos, Paulo Mercadante se permite afirmar a impossibilidade de prosseguimento de radicalizações, uma vez que “se aceitássemos a possibilidade, estaríamos admitindo o predomínio de uma ideologia sobre peculiaridades nacionais, o que não parece possível em face da realidade de nossos dias”.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ

* *
*

SKIDMORE (Thomas E.). — *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964)*. Apresentação de Francisco de Assis Barbosa. Editôra Saga, 1969. 512 págs.

Em 1969 a Editôra Saga lançou a tradução brasileira do livro *Politics in Brazil, 1930-1964, An Experiment in Democracy* publicado originalmente pela Oxford University Press Inc., N. Y. Trata-se, a nosso ver, de uma importante iniciativa da Editôra, que facilita, dessa forma, ao leitor brasileiro o conhecimento da obra de Skidmore, e conseqüentemente a sua difusão mais fácil no Brasil.

A obra, na sua forma brasileira, traz uma apresentação de Francisco de Assis Barbosa que vem enriquecer ainda mais o trabalho e é uma importante advertência ao pesquisador nacional, em especial àquêles voltados para a História do Brasil e mais ainda aos que se preocupam com o período mais recente de nossa História. Depois de tecer considerações sobre o pesquisador que é Skidmore, Assis Barbosa nos diz:

“Foi em Harvard que se deu a conversão do germanista Skidmore, que se tornaria, a partir de 1960, o que nos Estados Unidos se chama um “brasilianista”. Como é óbvio, brasilianista é todo aquele estudioso americano, historiador ou sociólogo, economista ou cientista político, professor de Português ou de Literatura, que se interessa pelo Brasil. Por outro lado, os “brasilianistas” se enquadram num grupo maior, o da América Latina, reunidos numa vasta associação que possui cerca de 2.000 membros, a maior parte de professores universitários militantes. Os que cuidam de História do Brasil andam pela casa dos 400 ...”.

E mais adiante afirma Assis Barbosa:

“O que deve chamar a atenção é que lá (EE.UU.) os cursos de História do Brasil estão se multiplicando, ao mesmo tempo que vai aumentando o número de professores que, em breve, suplantará, se não suplantou, ao das nossas faculdades de filosofia. Em termos globais, a matrícula de estudantes de História do Brasil em nosso país é sem dúvida maior. Mas é preciso ter em vista que o estudante brasileiro quase sempre não possui qualquer preocupação de natureza profissional, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos onde o aluno se dispõe, desde que ingressa na Universidade a exercer e disputar competitivamente uma carreira...”.

E ainda:

“... Formamos cada vez mais economistas e administradores, e cada vez menos historiadores. Naturalmente, nesta hora em que os cosmonautas se preparam para a conquista da lua (seria melhor, dado o decurso de tempo, dizer quando os cosmonautas conquistaram a lua), não é nada fácil motivar um jovem se preservarmos na proposição de temas como o da casualidade-intencionalidade dos portugueses na descoberta — perdão, queria dizer descobrimento — do Brasil; se insistirmos em continuar a cultivar o lado anedótico-comemorativo, abandonando os grandes temas que constituem o desafio histórico da nossa época: o mundo dividido em países desenvolvidos e subdesenvolvidos” (págs. 3 e 4).

E acrescenta:

“Não só os métodos rotineiros de ensino, como a concepção antiquada de certos professores, — infelizmente a maioria — transformaram a História em instrumento recreativo, quando não em coisa velha e imprestável, provocando a evasão dos estudantes, seduzidos por outras disciplinas que estão na moda ou que oferecem um campo de atividade mental mais atualizado...”.

A apresentação de Assis Barbosa deveria, a nosso ver, ser literalmente copiada pois em cada parágrafo ou mesmo em cada linha traduz muito do que inúmeras pessoas pensam mas não dizem, pois nem sempre se colocam, de público, as verdades e quase nunca se tem a oportunidade de externar opiniões como as teve o apresentador.

Outro trecho muito significativo da apresentação:

“Os arquivos e bibliotecas brasileiros — não só no Rio de Janeiro e São Paulo, como em Porto-Alegre, Belo Horizonte, Bahia, Recife, Belem do Pará — estão repletos de estudantes estrangeiros, americanos e ingleses na maioria, que estudam o Brasil, em proporção bem

maior que de brasileiros. Poucos são os estudantes brasileiros dedicados a pesquisas, que freqüentam os arquivos, por culpa sem dúvida dos professores que não lhe dão assistência. Ao contrário do que acontece entre nós, o estudante americano não é desamparado material e intelectualmente. ... Entre aluno e professor — principalmente em se tratando de alunos interessados, — estabelece-se uma convivência fecunda, na orientação das leituras, no debate metodológico, na abertura enfim de horizontes mais amplos que um ensino rotineiro não pode jamais oferecer. Outra motivação a ser considerada: as Bolsas de viagem” (pág. 6).

E para citar literalmente, mais uma vez:

“... Otávio Dias Carneiro, com a sua bravia honestidade intelectual, não se pode controlar, exclamando: “Para nós brasileiros e simplesmente uma vergonha que não tenha sido um brasileiro o autor do livro ...”.

E assim continua o supervisor de *A Imagem do Brasil*, da Saga, em muitos e muitos trechos, salientando o papel que o historiador brasileiro precisa e deve assumir, ao mesmo tempo em que reconhece o mérito indiscutível de Skidmore, embora, como diz, dê-se se possa discordar e em muitos pontos.

Sòmente a apresentação do livro em tela daria muito o que escrever e mais ainda o que meditar, mas queremos tão sòmente, dar idéia do que representa o trabalho do autor de *Brasil: De Getúlio a Castelo*.

Depois dos prefácios, apresentados às páginas 11 e 15 o autor faz uma introdução, onde coloca os seus objetivos ao início de suas investigações e depois a ampliação dos mesmos em face dos elementos colhidos.

Assim diz:

“Comecei este livro numa tentativa de investigar as causas da queda do ex-Presidente João Goulart, a 1º de abril de 1964. O projeto inicial teve logo de ser ampliado porque achei impossível explicar o sistema político em que Goulart trabalhava, sem examinar as origens desse sistema, na década seguinte à Revolução de 1930 e o processo de redemocratização que pôs fim à ditadura de Vargas, em 1945” (pág. 17).

Muito se poderia escrever em torno do livro e em muitos pontos poderíamos discordar completamente do autor, no entanto, não é nossa intenção polemizar mas sim mostrar o que está contido nas 512 páginas da obra.

O primeiro capítulo cuida do período ditatorial de Getúlio Vargas: “*Éra de Vargas (1930-1945)*”. E’ um dos capítulos mais importantes da obra, pois nêle Skidmore faz uma síntese desse período de nossa história, pouco estudado e muito controvertido, apresentando pormenores desconhecidos até a data deste livro. Mostra-nos, com detalhes, o que chama de nacionalismo econômico do período de 1930-1945 e suas implicações na vida do país. Além disso analisa o papel dos militares na redemocratização do país.

No segundo capítulo trata do período Dutra e nos familiariza com os grupos políticos que caracteriza como os “de dentro” (pág. 80) e os “de fora” (pág. 83). Esta caracterização de Skidmore nos dá mais elementos para fortalecer a

idéia da inexistência de partidos políticos bem caracterizados. O que há sempre são facções políticas, com lideranças passageiras.

Os capítulos terceiro e quarto a *Nova Era de Vargas e Governo Transitório* cobrem cronologicamente os anos de 1951-1956 que correspondem à fase democrática de Vargas e que foi interrompida com o suicídio do Presidente em 1954. A partir desta data e até o final do período, Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos assumiram a presidência num período de grande crise na vida nacional.

Analisa em seguida o governo Kubistscheck, o qual caracteriza como *Anos de Confiança (1956-1961)*. Neste quinto Capítulo Skidmore mostra o papel de Juscelino na vida nacional. É um período, segundo o autor, em que o povo brasileiro ganhou confiança no presidente e no Brasil. Diz que foi um período de grande realizações, embora tenha havido, em muitos momentos, inúmeras improvisações, embora bem sucedidas em grande número.

Mostra que o ano de 1961 se caracterizou como “Entreato Agonizante”, em que surge “Um Corpo Estranho” (pág. 231) que é Jânio Quadros. No capítulo seguinte (VII) estuda Goulart no Poder. Analisa, então, toda a agitação do período de “Jango” mostrando quantas indecisões o caracterizaram. O estudo iniciado neste capítulo se conclui no oitavo, no qual Skidmore mostra o “Colapso Democrático”, em que observa a participação de João Goulart e do grupo nacionalista.

O epílogo é, ao nosso ver, o capítulo mais fraco do livro pois deixa muito a desejar.

Além do texto o autor apresenta um Apêndice (pág. 389) que se intitula “Papel dos Estados Unidos na Queda de Goulart” — interessante documento — completa a obra.

Ainda temos um “Índice Bibliográfico Seleccionado”, onde se encontra um “sem número” de obras elaboradas por estrangeiros em especial estado-unidenses, aspecto para o qual Assis Barbosa chama a atenção na Apresentação e que nós reavivamos aqui.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

* *
*

QUEIROZ (Carlota Pereira de). — *Vida e morte de um capitão-mor*. São Paulo, Comissão Estadual de Literatura, 1969, 373 págs. (Coleção Histórica, vol. 6).

No presente volume, a autora de *Um fazendeiro paulista do século XIX* traz novos subsídios à historiografia paulista, divulgando peças valiosas do arquivo de sua família. Se no livro de estréia, a Dra. Carlota Pereira de Queiroz fixou o meio e o tempo em que viveu o avô paterno, Manoel Elpídio de Queiroz, revelamos no presente volume, como a mesma riqueza de documentos, aqueles em que atuou seu avô materno, o Cel. José Vicente de Azevedo, genro do capitão-mor Manoel Pereira de Castro. Tratando-se de atividades contemporâneas, mas desenvolvidas em regiões diferentes da então província, um volume completa outro, co-